

# A influência da estrutura sócio-política das elites eborenses nas práticas assistenciais: 1580–1640

Rute Pardal\*

Revista de Demografia Histórica, XX, II, 2002, segunda época, pp. 99–111

## Resumo

Este artigo pretende analisar a relação entre a assistência, o poder e a espiritualidade, tendo como base o estudo de dois pólos de poder, importantes para a definição das elites locais no Antigo Regime, e estruturantes do poder político a nível local: a Câmara Municipal e a Santa Casa da Misericórdia de Évora. A assistência é uma das vertentes de análise dessas elites, e o seu estudo nasceu do reconhecimento da necessidade em identificar o(s) grupo(s) social(s) em que essas elites se inseriam, de maneira a verificar possíveis relações entre esses grupos sociais e as formas mais interiorizadas de religiosidade, espiritualidade e caridade.

## Abstract

The aim of this paper is to attempt to understand the relationship between poor relief, power and spirituality, and seeks to examine two power centres which are important for defining local elites during the Ancien Régime and which provided political power structures at the local level: the city council and the *Santa Casa da Misericórdia de Évora*. Studying poor relief is thus one aspect of the analysis of Évora elites, and the decision to conduct research on this theme was born out of the recognition of a need for identifying the social group or groups within which these elites operated, in order to attempt to establish whether there existed a relationship between these social groups and more intimate or personal acts of religiousness, spirituality and charity.

---

\* Bolseira de Iniciação à Investigação Científica, inserida no projecto: *O Papel das Misericórdias na Sociedade Portuguesa do Antigo Regime: o caso de Évora*. POCTI/33560/HR/2000.

### Résumé

Cet article recherche analyser la relation entre l'assistance, le pouvoir et la spiritualité, et il-y-a comme base l'étude de deux importants pôles de pouvoir pour la définition des élites locales à l'Ancien Régime, et structurantes du pouvoir politique au niveau local: la mairie et *a Santa Casa da Misericórdia de Évora*. L'assistance c'est une des perspectives de l'analyse de ces élites, leur étude naît de la reconnaissance de la nécessité d'identifier les groupes sociaux, aux quelles ces élites s'insèrent, de façon à vérifier les relations les groupes sociaux et les formes plus interiorisés de religiosité, spiritualité et charité.

A caridade e a assistência têm sido objecto de renovado interesse dos investigadores nos últimos quinze anos em Portugal, autonomizando-se das abordagens numa perspectiva meramente religiosa e, muitas vezes, factual, para se abrir a novas propostas interpretativas.<sup>1</sup> Na verdade, até aos anos de 1940, os produtos de investigação sobre este tema foram condicionados por uma perspectiva da assistência como um objecto de estudo isolado, não a associando a outras manifestações e intenções que extrapolassem o domínio restrito dos pobres e desamparados.

Foi nas décadas de 1950 e 1960 que esta visão, tão redutora da assistência e das instituições que a praticavam, nomeadamente as confrarias, que novas vias começam a ser exploradas. Aproximavam-se ventos de renovação, ensaiando-se estudos de enquadramento religioso, onde se procurava conhecer as relações entre Estado, Igreja e as confrarias. Era o tempo do estudo da sociabilidade religiosa. Era também o lugar da Escola dos Annales, onde temas como o quotidiano, a marginalidade, a pobreza, a doença, a morte, o poder e a solidariedade constituíam novos objectos a estudar.<sup>2</sup>

Trabalhos como os de Laurinda Abreu, iniciando<sup>3</sup> e terminando<sup>4</sup> a década de noventa do século XX, constituíram uma nova abordagem, quer das Misericórdias enquanto instituições, quer da assistência por elas praticada. A assistência deixou de ser dimensionada apenas como

---

1 Apesar de tudo, neste período ainda temos o exemplo da Misericórdia de Évora, cujos subsídios para a sua história ainda foi elaborado por dois clérigos. (Cf. Gusmão, 1969/1979)

2 (Cf. Penteado, 1995).

3 (Abreu, 1990).

4 (Abreu, 1999a).

ajuda ao próximo num bom sentimento cristão. Passou a ser estudada enquanto relação de poder entre doadores e assistidos, e manifestação de espiritualidade e da sua vivência.

Neste contexto, da análise quase exclusiva do socorro ou auxílio a pobres, doentes e cativos, guiada muito de perto pelos sucessivos compromissos das Misericórdias,<sup>5</sup> passou-se muito recentemente a dar muito mais ênfase à assistência como veículo não apenas de consolação corporal. De facto, a assistência tem vindo a ser perspectivada sob a égide do binómio salvação da alma —remediação do corpo/alma, numa transação talvez um pouco *economicista*<sup>6</sup> da hipotética salvação de quem dá, e remediação daquele que precisa receber. É a partir desta linha interpretativa que tentaremos perceber a relação estabelecida entre a assistência, o poder e a espiritualidade.<sup>7</sup> Este trabalho nasceu do reconhecimento da necessidade em identificar o grupo(s) social(s) em que as elites de Évora se situavam, de maneira a tentar verificar possíveis relações entre esses grupos sociais e as formas mais interiorizadas de religiosidade, espiritualidade e caridade. Contudo concluir-se-á que, no que diz respeito ao estabelecimento da condição social dos indivíduos em questão, muitas perguntas continuarão sem resposta, uma vez que, normalmente só há informações relativas aos grupos sociais privilegiados e aos oficiais mecânicos.

### **ELITIS: assistência, espiritualidade, poder e sobrevivência pessoal**

Antes que tudo, convém começar por algumas definições teóricas. Nomeadamente as que dizem respeito à questão das elites e da assistência.

Para alguns autores,<sup>8</sup> elite designa um grupo social de eleição, o melhor entre os melhores no seio de uma sociedade ou indivíduos, que,

---

5 (Cf. Correia, 1999: 13).

6 Laurinda Abreu afirma o carácter simoníaco da assistência. (1999: 117).

7 Este trabalho faz parte de um estudo mais vasto, cujo objectivo é conhecer as elites de Évora durante o período de dominação Filipina (1580-1640), assim como as suas estratégias de controle do poder na referida cidade, no âmbito da nossa Dissertação de Mestrado a apresentar à Universidade de Évora.

8 Servem como exemplo (Busino, s.d.). E (Leroy, 1993).

pelo nascimento ou riqueza, conseguiram atingir um estatuto de destaque num determinado sector da sociedade « ... le mot indique le contraire de la masse entendue comme multitude de personnes , comme peuple dans son entier ou comme majorité de citoyens appartenant aux couches populaires ou inférieurs de la hierarchie sociale».<sup>9</sup>

Neste estudo estipulámos vários pré-requisitos para considerar como integrantes das elites de Évora alguns dos testadores da Santa Casa. Por isso, foram seleccionados apenas os indivíduos que, para além de legatários da Misericórdia, fossem membros da mesa consistorial da mesma e, por acumulação ou alternadamente, pertencessem ao grupo da vereação eborense. Como pontos de referência foram utilizadas as datas de realização dos testamentos ou, em alternativa, as datas de morte do testador.

Dos cento e setenta e nove testamentos e doações em benefício da Misericórdia de Évora —realizados desde 1530 sensivelmente até à década de noventa do século XVII—, que serviram de suporte a este trabalho apenas vinte e dois indivíduos se encontraram dentro destes parâmetros pré-estabelecidos, incluindo os quarenta anos que para aqui mais interessam. Contrariando todas as expectativas, verificamos que constituem apenas 12,2% dos beneméritos da Santa Casa. No período em análise —1580/1640—, são dez os testadores, o que representa 5,5% do total. No período anterior e posterior a este intervalo de tempo a percentagem de mesários e vereadores diminui substancial e simetricamente para os 3,3%. De facto, foi durante o domínio Filipino que as elites de Évora estiveram mais interessadas em contribuir para a Misericórdia. Este foi um movimento que encontrou proporcionalidade no número de testamentos em favor da Casa durante estes quarenta anos, tal como podemos verificar no gráfico seguinte.<sup>10</sup>

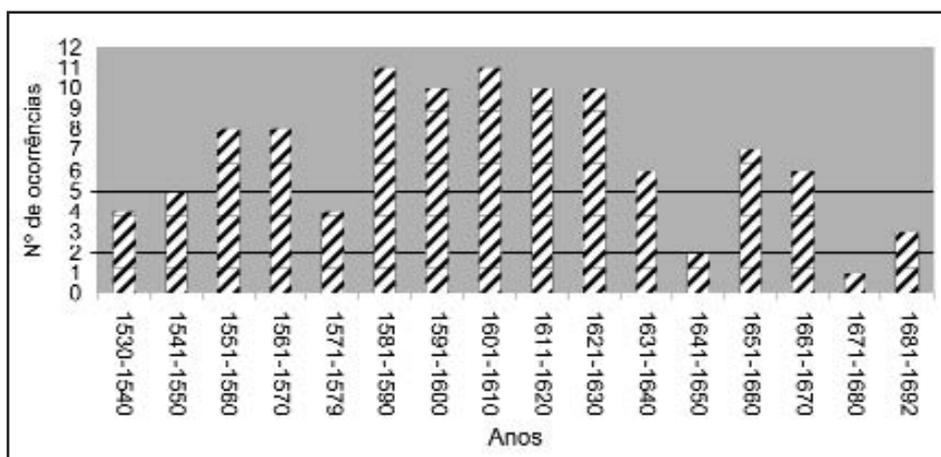
---

9 (Busino, s.d: 247).

10 Todos os gráficos apresentados neste trabalho tiveram como base a recolha e tratamento de dados do *Tombo IV da Fazenda da Misericórdia de Évora 1680/1681, Livro 76*. Este Tombo apresenta-se bastante completo uma vez que faz referência a testadores, datas de testamentos e ou óbitos, obrigações e bens deixados.

GRÁFICO 1

Testamentos feitos a favor da Misericórdia de Évora - 1530/1692

FONTE: ADE, ASCME, *Receita e despesa: tombo novo e IV de Foros - 1680/1681*, nº 76.

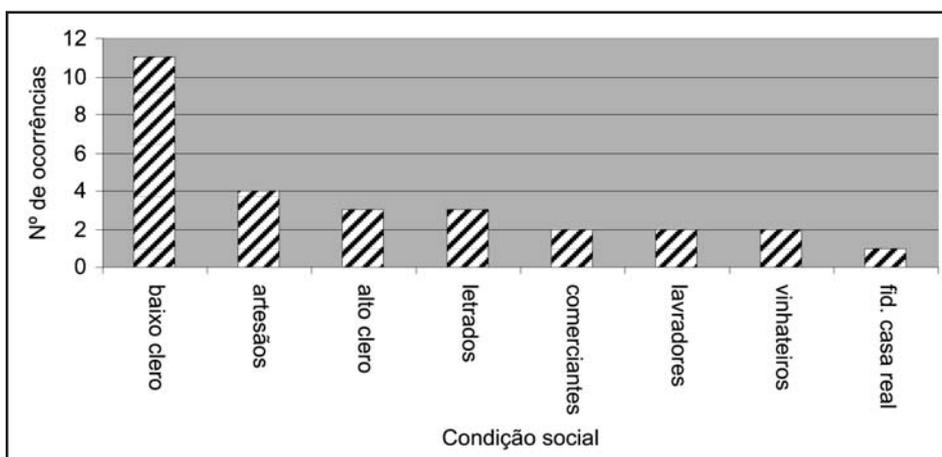
De facto, é bem notório que o auge dos testamentos em favor da Casa se situa entre 1580 e 1630, descendo depois acentuadamente, revelando-se muito instável até aos finais do século XVII. A não esquecer que a década de trinta do século XVII é a mais crítica do governo dos Filipes em Portugal. Os impostos, que tinham começado a pesar desde os inícios da década anterior, e as premissas da defesa do império marítimo assim o ditavam, fazendo-se sentir especialmente em Évora nos anos trinta, nomeadamente nas célebres alterações de 1637.<sup>11</sup>

Vejamos agora qual o estatuto social dos indivíduos seleccionados, quando possível, quando expressamente indicado nas fontes.

11 (Cf. Oliveira, 1991).

GRÁFICO 2

Condição social dos testadores da Misericórdia de Évora - 1580/1640



FONTE: ADE, ASCME, *Receita e despesa: tombo novo e IV de foros - 1680/1681*, nº 76.

O gráfico nº 2 traduz a condição social, que se conseguiu apurar, de todos os testamentos recolhidos entre 1580 e 1640. Como se poder ver, o clero domina destacadamente, seguido muito atrás pelos artesãos e letrados. No grupo em estudo, ou seja, aquele que circulava entre a Misericórdia e a Câmara, a situação altera-se um pouco. A análise torna-se um pouco limitada pela escassez de informações, neste grupo apenas existe referência à categoria social de sete indivíduos, sendo que, dois deles (artesãos) estão fora destes parâmetros, dado que não podem transitar entre as duas instituições em causa. Dos dois restantes grupos destacam-se os letrados, com quatro referências, e os clérigos com apenas uma. Não deixa de ser curiosa a ausência do clero nos testamentos a favor da Misericórdia durante estes quarenta anos, uma vez que os seus números quer para o período anterior a 1580, quer para o período posterior a 1640, se destacam de todos os outros grupos sociais. Definitivamente o grupo mais estável em toda a documentação analisada é, sem dúvida, o dos letrados, constituído essencialmente por licenciados, fossem eles em cânones ou medicina. Parece não ser um caso isolado, uma vez que na Misericórdia de Setúbal o movimento é semelhante.<sup>12</sup> Aqui, os estratos sociais mais baixos insistiram na fundação de missas «até que o mundo durar» mesmo depois da confra-

12 (Cf. Abreu, 1999a: 96).

ria entrar em decadência. Enquanto que «as elites são as primeiras a abandonar o investimento do Purgatório».<sup>13</sup>

Em Évora, contudo, existe um grupo cuja definição social escapa a este tipo de fontes, mas que faz parte desta elite. Os seus elementos foram indivíduos que, pelo meio da riqueza, da mercê real, e do serviço municipal, num movimento familiar, se foram nobilitando localmente. São identificáveis através de fontes de carácter genealógico, caracterizando-se, a partir de determinado momento, pela fundação de morgados. Nesta circunstâncias encontrámos Diogo Pereira Cogominho, Lopo Rodrigues Lobo e Nuno Fernandes Lobo. O primeiro pertenceu a uma família que se instalou definitivamente em Évora a partir do século XIV, e foi no seu termo que fundou o morgado da Torre de Coelheiros. Foi também nesta cidade que traçou a sua linha ascendente, até a um certo enfraquecimento, por volta do século XV, que certamente não lhe permitiu ascender socialmente.<sup>14</sup> Já Lopo Rodrigues Lobo e Nuno Fernandes Lobo, pertenceram a uma família que, desde finais do século XIII, se encontrou em Évora, mas foi com a crise de 1383/1385 que a família ascendeu a cargos mais relevantes como o de alcaide.<sup>15</sup>

Estranhamente, ou nem tanto, a ausente nos legados em favor da Santa Casa foi a grande nobreza titulada: os condes do Vimioso, os Condes de Basto, os Condes de Tentúgal, depois Marqueses de Ferreira e Duques de Cadaval. Alguns autores analisam este desinteresse em legar à Misericórdia como reflexo do descrédito económico, e depois simbólico, que começou a afectar todas estas instituições a partir de finais do século XVII.<sup>16</sup> Um fenómeno que se iria acentuar na centúria seguinte com a obtenção da parte do papado dos Breves de Redução e de Perdão.<sup>17</sup> Estes visavam perdoar as missas não celebradas e os primeiros reduziram o «(...) número de missas instituídas pelas almas (...)».<sup>18</sup> Deste modo, as garantias de sufrágio das almas eram muito mais reduzidas. Um facto que devia ser bem conhecido pelos membros deste restrito grupo, dado que constituíram os indivíduos que mais controlaram

13 (Abreu, 1999a: 96).

14 O enfraquecimento desta família deveu-se, segundo Maria Ângela Beirante, a dois factores: a falta de descendência masculina e à adesão ao partido de Castela na crise de 1383/1385. (Cf. Beirante, 1995: 523-524).

15 Cf. *Compendio Breve da Nobreza e Fidalguia destes Reinos, Biblioteca Pública de Évora*, Cod. XXVII/1-5, fl. 107.

16 Sobre a decadência das Misericórdias (cf. Sá, 1997: 84).

17 (Cf. Abreu, 1999b).

18 (Abreu, 1999b: 723).

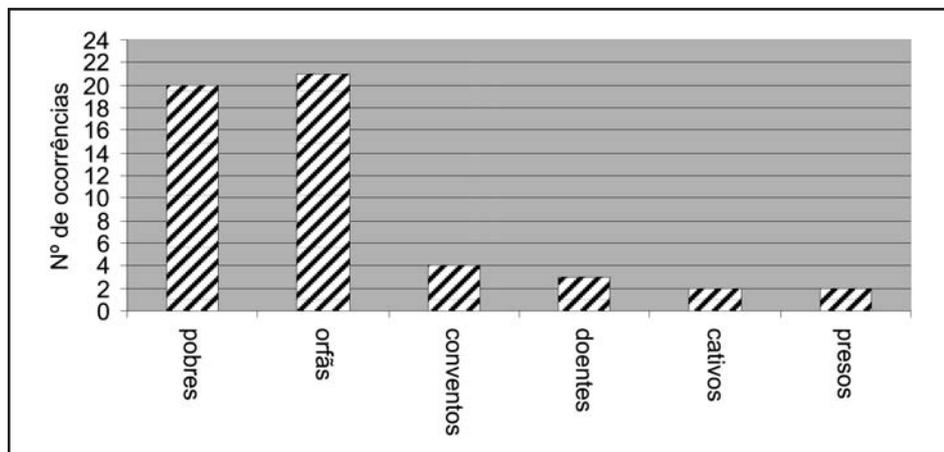
a provedoria da Misericórdia de Évora. Por isso, estavam a par de todas as incertezas em que incorriam as fundações de missas na Santa Casa.

Todavia, este tipo de argumentações serve na perfeição a conjuntura de finais do século XVII e século XVIII, não justifica a pequena expressão que os grandes de Évora constituíram nas instituições de capelas de missa no período anterior à decadência da Misericórdia. A única hipótese para explicar esta questão será através da instituição de capelas de missa (vinculadas ou não a morgados) em outras instituições, que não na Misericórdia, como é o caso dos conventos. Todavia carece ainda de fundamentação documental.

A questão que se impõe de seguida relaciona-se com o contributo para a assistência por parte destes indivíduos. Parte-se do pressuposto que muitos dos serviços prestados pela Misericórdia estavam condicionados pelos legados pios que os testadores deixavam para serem satisfeitos.<sup>19</sup> Associada a essa certeza uma outra, a de que esses legados não eram suficientes para dar resposta ao crescente volume de desamparados que a instituição tinha a cargo. Deste modo, não é de excluir a possibilidade de muitos dos proventos retirados dos bens legados para satisfação das almas serem canalizados para valer aos pobres e aos doentes.<sup>20</sup>

GRÁFICO 3

Total dos legados pios - 1530/1690



FONTE: ADE, ASCME, *Receita e despesa: tombo novo e IV de foros - 1680/1681*, nº 76.

<sup>19</sup> (Cf. Sá, 1997: 82).

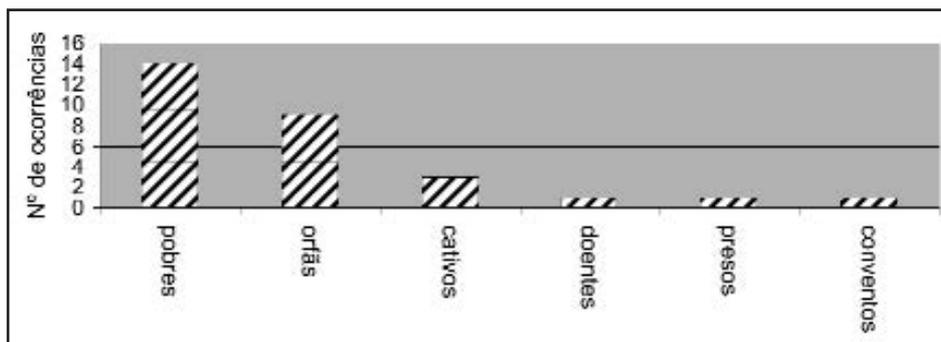
<sup>20</sup> Apesar do Hospital do Espírito Santo, que estava sob a administração da Misericórdia de Évora, ter dotação própria.

Como se pode constatar no gráfico anterior, a principal preocupação no momento de fazer testamento, no que diz respeito a legados pios, dirigia-se para a dotação de órfãs seguido de muito perto pelos pobres. O apoio a doentes, a remissão de cativos e a ajuda aos presos, não se colocavam entre as preferências redentoras dos cristãos de Évora. Já os legados aos conventos ressaltam ligeiramente destes últimos, o que não deixa de ser significativo.

Como se pode ver no gráfico seguinte, para o período de dominação Filipina os valores alteram-se um pouco, destacando-se os pobres da dotação de órfãs. De assinalar a posição do resgate de cativos que se incrementa.

GRÁFICO 4

Legados pios - 1580/1640



FONTE: ADE, ASCME, *Receita e despesa: tombo novo e IV de foros - 1680/1681*, nº 76.

Os elementos do grupo, que circulou entre a Câmara Municipal e a Misericórdia, no mesmo período representado no gráfico nº 4, depois de instituírem missas pelas suas almas tiveram preferência pela dotação de órfãs, enquanto que os pobres são mencionados apenas uma vez. Todavia, este tipo de legados são, como em tantas outras Casas congêneres,<sup>21</sup> reduzidíssimos, quando comparados com o número de sufrágios instituídos pela alma.

21 Como refere Isabel dos Guimarães Sá, para os casos das Misericórdias dos Açores, Goa e Bahía, «A alma detém o primado sobre o corpo», (Sá, 1999: 109).

Como já foi referido, estes actos de caridade ou assistência, ultrapassam os seus meros limites. Podem ser entendidos como integrantes de um triângulo do qual fazem parte, para além da caridade, a salvação da alma e o exercício do poder. Ser caridoso é poder dar, é ter controle sobre uma massa informe que poderá alterar a ordem estabelecida. É ainda espiritualidade se tivermos em conta a cultura do Purgatório que, do alto dos púlpitos, o clero vinha pregando com mais ênfase desde o Concílio de Trento.<sup>22</sup> Por isso mesmo, o pobre era visto como intercessor pela alma de quem dava, porque sofria involuntariamente, porque dessa maneira redimia os seus pecados, da mesma maneira que aquele que usava de caridade, tentando aliviar a penúria ganharia a salvação.

Como ficou bem claro, a grande preocupação destas elites em estudo foi, com ligeiras oscilações, a dotação de órfãs. Porém, este acto significa mais que simples caridade. Em primeiro lugar, as mulheres solteiras representavam perigo eminente para as almas dos homens e para as suas próprias, por isso era urgente casá-las. Por outro lado, deixar dinheiro para casamento de órfãs, constituía um importante bem económico, dado que era prática comum proverem-se em primeiro lugar as órfãs pertencentes à família do testador (normalmente no testamento deixavam-se esses detalhes minuciosamente estipulados), só depois se beneficiariam familiares de irmãos da Santa Casa. Este tipo de actuação perfilava-se quase como uma estratégia de sobrevivência: das almas, dos que davam e dos que recebiam, e do corpo, uma vez que dava provimento à manutenção do estatuto social do grupo, ao mesmo tempo que se reproduziam os valores da comunidade através da reprodução biológica.<sup>23</sup> É portanto um tipo de actuação que nos seus objectivos visava simultaneamente o individual e o grupal.

Como se pôde verificar no gráfico nº 3, os testamentos em favor da Misericórdia de Évora revelaram algum interesse em ajudar os conventos da cidade. É natural que se pretendesse favorecer um ou outro convento, para, numa lógica de relações pessoais, aí colocar os descendentes destinados à vida eclesiástica.

Relegou-se para o fim a análise da principal forma que este grupo teve para aliviar os pecados terrenos e alcançar a salvação da alma -

---

22 Sobre o tema do Purgatório (cf. Minois, 1997: 231-254).

23 Sobre a reprodução social do estatuto e a reprodução biológica associados à dotação de órfãs (cf. Sá, 1998: 49).

os sufrágios por alma. A opção explica-se pelo facto de que só indirectamente as missas impostas pelos testadores à Misericórdia se poderão relacionar com a assistência. Por isso, reafirma-se novamente o primado da alma sobre o corpo.

Numa gradação em que o objectivo era salvar almas, o indivíduo em fim de vida, preferia primeiro salvar a sua, em segundo plano a dos familiares mais directos, e mais remotamente os seus «defuntos». Cerca de 40% das missas da obrigação da Misericórdia de Évora entre 1580 e 1640 tiveram como intenção a alma do próprio testador, em seguida mas muito afastada em termos percentuais, situou-se a lembrança dos seus pais, com 19%. A terceira designação mais comum foi a de «seus defuntos» com cerca de 11%. Assim, depois desta análise pode encarar-se a obrigação de missas como um elemento de assistência à alma, numa lógica de sobrevivência pessoal, em primeiro lugar, e depois de sobrevivência familiar (da memória, entenda-se), tendo como pressuposto o primado da alma sobre o corpo e porque «... a ideia de caridade tinha menos a ver com a vida terrena e mais com a vida além morte: não se dirigia aos corpos mas às almas».<sup>24</sup> Por todas as razões apontadas atrás, a associação entre os sufrágios pelas almas e a caridade é totalmente válida. Válida e importante também pelos rituais que acompanhavam a realização dos serviços religiosos. Independentemente dos legados pios que se deixavam estipulados, reservavam-se determinadas quantias de esmolas (no caso estudado predominantemente cerca de - tostão por missa).

Por outro lado, a celebração das missas era sempre motivo de caridade individual para com os pobres, devidamente reconhecidos e autorizados pela Misericórdia. Estes esperavam que a memória dos defuntos fizesse despertar a caridade daqueles que assistiam às celebrações.

\*

\* \*

A primeira tentação que um investigador tem quando se depara com a actuação e a estrutura das elites é considerá-las não no plural mas no singular - a elite. De facto, quando analisamos as fontes, com-

---

24 (Sá, 1998: 48).

preendemos que foram vários grupos, com algumas características sociais diferentes entre si, que neste caso tiveram todos em comum o controle do poder local. Realçaram-se dois destes grupos enquanto determinadores da caridade/assistência em Évora durante os quarenta anos da dominação Filipina: os letrados e a pequena nobreza local. Foram eles que depois de assinaladas os sufrágios pelas suas almas e dos seus familiares mais próximos se interessaram em assistir os desfavorecidos. Entre estes verificámos que a dotação de órfãs constituía a sua principal preocupação, relegando os pobres e doentes para uma posição de menor importância. Constatámos ainda que o grupo mais poderoso dentro desta elite —a grande nobreza—, não contribuiu, através de legados pios, para a assistência praticada pela Misericórdia de Évora.

## Bibliografia

- ABREU, Laurinda, *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal entre 1500 e 1755; aspectos de Sociabilidade e Poder*, Setúbal, Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, 1990.
- *Memórias da Alma e do Corpo: A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Palimage Editores, 1999a.
- «Uma outra visão do Purgatório: uma primeira abordagem aos Breves de Perdão e redução», *Revista Portuguesa de História*, 1999b.
- ARAÚJO, Maria Marta Lobo de, *Dar aos pobres e emprestar a Deus: as Misericórdias de Vila Viçosa e Ponte de Lima ( séculos XVI-XVIII )*, dissertação doutoramento, Braga, Universidade do Minho, 1999.
- BEIRANTE, Maria Ângela, *Évora na Idade Média*, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1995.
- BUSINO, Giovanni, *Les Théories des Élités: Problèmes et Perspectives*, Genève, Librairie Droz, s.d..
- CORREIA, Fernando da Silva, *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - Livros Horizonte, 1999.
- COSTA, Américo Fernando Silva, *Sociedade, Poder e Conflito - A Santa Casa da Misericórdia de Guimarães - 1750 - 1820*, Braga, Universidade do Minho, Dissertação de Mestrado, 1993.
- GOODOLPHIM, Costa, *As Misericórdias*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - Livros Horizonte, 1998.

- GUERREIRO, Deão Alcântara, *Subsídios Para a História da Santa Casa da Misericórdia de Évora nos Séculos XVII a XX*, Évora, Santa Casa da Misericórdia de Évora, 3º Volume - 1979.
- GUSMÃO, Armando, *Subsídios Para a História da Santa Casa da Misericórdia de Évora*, Évora, Santa Casa da Misericórdia de Évora, Parte I - 1958, Parte II - 1969.
- LEROY, Béatrice, «Les élites et le pouvoir dans le royaume de navarre à la fin du moyen âge», in, Georges Martine Lambert ( coord. ) *Les Élités locales et l'état dans l'Espagne moderne (XVI - XIX siècles)*, Paris, CNRS, 1993.
- PENTEADO, Pedro, «Confrarias Portuguesas na Época Moderna: Problemas, Resultados e Tendências de Investigação», *Lusitânia Sacra*, 2ª Série, Tomo VII, 1995.
- SÁ, Isabel dos Guimarães, «A Assistência: As Misericórdias e os Poderes Locais», *História dos Municípios e do Poder Local ( dos finais da Idade Média à União Europeia )*, ( César de Oliveira - Dir. ) Lisboa, Círculo de Leitores, 1996.
- *Quando o Rico se Faz Pobre: Misericórdias, Caridade e Poder no Império Português 1500-1800*, Lisboa, Comissão Nacional Para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.
- «Práticas de caridade e salvação da alma na Misericórdias metropolitanas e ultramarinas (séculos XVI - XVIII)», *Oceanos*, Nº 35, Julho-Setembro de 1998.